

Tecnologias de convivência com o Semiárido transformam o quintal e a vida de Maria Aline

No Sítio Engenho Velho, em Carnaíba, a vida de Maria Aline da Silva Alves se constrói no ritmo do cuidado com as filhas, do trabalho no quintal e das pequenas transformações que, somadas, vão mudando tudo. Aos 27 anos, mãe de duas meninas pequenas, ela carrega uma história profundamente ligada à terra, iniciada ainda na infância, quando aprendeu com os pais a plantar, cuidar e resistir. Crescer no Semiárido, para ela, sempre significou entender que viver bem depende não apenas do esforço, mas da capacidade de lidar com a escassez — principalmente a de água.

A propriedade onde vive hoje começou a tomar forma em 2014, quando o terreno foi comprado e a família decidiu fincar ali seu lugar. No início, havia muito pouco: não existia estrutura consolidada, nem produção organizada, nem segurança para planejar o futuro. Era um processo lento, feito de tentativas, trabalho constante e adaptações. A água, sempre incerta, definia o que podia ou não ser feito. Mesmo com a presença da cisterna de primeira água para consumo humano, a vida seguia limitada, e atividades básicas exigiam deslocamento e apoio de outros.

“Era bem difícil, viu? Antes da cisterna calçadão”, lembra Aline, ao falar daquele período em que até lavar roupa dependia da casa da mãe e plantar era uma decisão atravessada pelo medo de faltar água.

Essa realidade começou a mudar em 2024, com a chegada da cisterna calçadão, por meio do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), da Articulação do Semiárido Brasileiro, executado pela Diaconia. A partir desse momento, a água deixou de ser apenas um limite e passou a ser base para novas possibilidades. Pela primeira vez, Aline pôde olhar para o quintal não apenas como um espaço de sobrevivência, mas como um lugar de produção, autonomia e construção de futuro.

“Depois da cisterna melhorou muito. Agora dá pra plantar minhas coisas”.

Resume, com simplicidade, ao tentar explicar uma mudança que, na prática, reorganizou toda a vida da família.

Com a água garantida, o quintal começou a se transformar. Aos poucos, novas culturas foram sendo incorporadas: coentro, pimentão, pimenta, banana e outras plantas adaptadas ao clima da região passaram a ocupar o espaço. Ainda que a produção não seja grande, ela já cumpre um papel essencial — garantir alimento para a família e reduzir a dependência do que vem de fora. Aquilo que antes era comprado com frequência começa a ser colhido ali mesmo, trazendo economia e, ao mesmo tempo, uma nova relação com a alimentação.



O que muda não é apenas o que se planta, mas a forma como se vive. Ter o que colher dentro do próprio quintal traz segurança, autonomia e uma tranquilidade que antes não existia. Em alguns momentos, quando a produção permite, Aline também vende, ainda que de forma pontual. “Ano passado eu vendi coentro. Foi pouco, mas já ajudou”, conta.

Com a chegada de outras tecnologias, esse processo de transformação ganhou ainda mais força. Em 2025, o biodigestor passou a fazer parte da rotina da casa, alterando de forma significativa a maneira de cozinhar e de lidar com os recursos disponíveis. Antes, o fogão a lenha era indispensável, exigindo esforço constante na coleta de madeira e trazendo impactos diretos para a saúde da família. O gás era usado com economia, justamente por não ser suficiente para sustentar toda a rotina.

Com o biodigestor em funcionamento, essa lógica foi invertida. O biogás passou a substituir o uso da lenha e reduziu a necessidade de compra de gás, trazendo benefícios econômicos, ambientais e de saúde.

Outra mudança importante veio com o reaproveitamento das águas domésticas, através do sistema chamado UASB. Antes descartada, essa água passou a ser incorporada ao processo produtivo, ampliando o uso inteligente dos recursos disponíveis. Essa prática, além de evitar desperdícios, prepara o terreno para a implantação de um Sistema Agroflorestal (SAF), que deve integrar diferentes culturas em um modelo mais sustentável e resiliente.

Esse conjunto de tecnologias não atua de forma isolada. Ao contrário, elas se complementam e criam uma nova lógica de convivência com o Semiárido, onde cada recurso é aproveitado ao máximo e cada ação contribui para fortalecer a autonomia da família. No quintal de Aline, a água da cisterna, o biogás do biodigestor, o reaproveitamento das águas e as novas formas de cultivo se conectam e constroem, juntos, um novo cenário.

Ao mesmo tempo, novos horizontes começam a se abrir. Aline se prepara para iniciar a criação de abelhas sem ferrão, as jandaíras, uma atividade que pode gerar renda e fortalecer ainda mais a produção local. O interesse vem da observação de experiências próximas e da vontade de aprender.

“Dá um medo, né? Porque é uma responsabilidade, mas eu quero”, diz, demonstrando disposição para seguir avançando.

Hoje, vivendo com o marido, João Batista Alves da Silva, e as duas filhas, ela percebe que a dependência do mercado diminuiu e que o quintal passou a ter um papel central na vida da família. A água, que antes faltava, agora orienta decisões, sustenta a produção e permite pensar o futuro com mais segurança.

A história de Maria Aline revela que as tecnologias de convivência com o Semiárido, quando chegam de forma integrada, têm o poder de transformar realidades de maneira profunda. Não se trata apenas de garantir acesso à água, mas de criar condições para que as famílias permaneçam no território com dignidade, autonomia e capacidade de produzir sua própria vida.

No quintal de Aline, essa transformação ainda está em curso. Cada planta que cresce, cada recurso que é reaproveitado, cada nova tecnologia incorporada reforça a ideia de que viver no Semiárido é sobre aprender a construir caminhos a partir dela. E, nesse processo, como ela mesma resume, a diferença é nítida: agora é possível viver melhor.

